

Stadium

N.º 149 * 10 DE OUTUBRO DE 1945 * PREÇO 1\$50



SPORTING - BELENENSES

Com o arrojo e a oportunidade que lhe são peculiares, Azevedo desvia a bola, no último momento, dos pés de José Pedro, impedindo-o de concluir uma fuga deveras perigosa

NÊSTE NÚMERO : SEPARATA COM A FOTOGRAFIA A CÔRES DO ONZE DO **SPORTING C. P.** VENCEDOR DA «TACA DE PORTUGAL» NA ÉPOCA PASSADA

BELENENSES E SPORTING FÔRÇAS IGUAIS

Um curioso fenómeno na Tapadinha —
— Desafio sem rasgos no campo da Amoreira

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

ESTAMOS a assistir a um belo campeonato de Lisboa. Há *teams* que se apresentam adestrados — mais do que outros. Mas a média de jogo indica que o máximo não está infinitamente distanciado do mínimo. Por cima disto, os desafios estão a ser disputados com viva energia, e o seu decorrer não deixa de comportar emoção, pelas *voltas* que os desafios estão a dar. Nama palavra, joga-se até o último momento. Sinal certo da boa competição. Pelo menos, da competição que interessa. O desnível é que aborrece.

Talvez que a *qualidade* do futebol de Lisboa não seja aquela que desejaríamos. Por natureza da função e pelo desejo de que o nosso futebol progreda, raro nos contentamos com as provas produzidas. Deve, no entanto, entrar-se em linha de conta com variados factores que pesam no desporto. Uma coisa é estar instalado nas bancadas. Outra alinhar em campo, num dia chapado de Sol.

Pessoas de boa memória dizem-nos não se recordarem de um mês de Outubro tão quente. A estageme, causando os mais graves prejuízos à lavoura e ao país, também está dificultando a acção futebolística. Umhas chovidas fariam bem ao Jogo. A temperatura baixaria, e o futebol é um jogo de inverno. A chuva também havia de fazer bem nos terrenos da bola, cheios de poeira, e até ao espírito dos jogadores, demasiadamente alvoroçado. Na verdade, a elevada temperatura desgasta a capacidade dos futebolistas, que, no intervalo, já consumiram toda a energia armazenada para a hora e meia. O elemento calor repercute-se em outros aspectos, no capítulo da velocidade como na própria execução. Não há fôlego que chegue!

Pelo que vimos nas duas jornadas, por desgraça nossa, parece-nos que os jogadores não estão dispostos a tratar-se como *amigos*, isto é, como desportistas que lutam dentro do campo e que, cá fora, se podem dar as mãos sem reservas nem mácula. Alguns dêles preferem a vida de truques, pior que a da violência, ferindo *intencionalmente* o adversário. Já por mais de uma vez temos dito que nos parece mais desculpável a excitação do jogador que, no aceso da luta, pratica um acto de agressão, do que a atitude de um homem que, a coberto do jogo e das suas regras, procura com intenção liquidar o contrário. Para êsses — não poderá haver contemplações. Os árbitros que transigirem são tão culpados como os delinquentes. Porventura mais. Ora, na presente época, ainda em começo (que perspectivas!),

a intenção de magoar e de pôr fora de combate tem sido visível em vários praticantes. A fórmula *jogar contra dez é mais fácil do que contra onze* parece dominar a actividade de determinados jogadores — impondo-se a aplicação de uma terapêutica que, por forte e poderosa, seja inflexível e de resultados seguros.

Do movimento de jogadores pouco há a dizer. Não há novidades. Sporting, Atlético e Estoril apresentaram o seu *team* normal — que assim se pode dizer. O Belenenses alinhava ainda sem Amaro, que, aprovado definitivamente na inspecção, quer jogar bem preparado. A Caf organizou-se sem Carlos Pereira, com um fim trágico de carreira. O Benfica não conta com Francisco Ferreira, por enquanto. O alinhamento de César Ferreira constitui uma indicação.

O empate Sporting-Belenenses afirma a lógica do futebol...

Fiel ao principio de que em *team* que vence não se toca, o Sporting formou com Azevedo, Cardoso, M. Marques, Barrosa, Veríssimo, Lourenço, J. Correia, Ferreira, Peyroteo, A. Marques e Albano.

O Belenenses, com Capela, Vasco, Feliciano, Sérgio, Gomes, Serafim, Coelho, Elói, Quaresma, José Pedro e Rafael. De louvar a dedicação de Capela, formando doente e com febre. Árbitro: Santos Marques.

Em geral, o *ponto de vista territorial* corresponde ao domínio técnico: um grupo no ataque pressupõe ter mais força que o seu adversário, ou, pelo menos, servir-se melhor dele. Nem sempre é assim. Quantas vezes o jogo defensivo representa uma tática. Um *team* pode esperar que o outro invada o seu campo para cair em seguida a fando, tendo descoberto os pontos menos fortes do seu inimigo. Regra geral, todavia, quando um grupo domina, e pela ocupação do território, está a jogar melhor.

O desafio Sporting-Belenenses reforça a regra. O melhor jogo sportinguista corresponde à invasão do terreno de Belém. Por sua vez, o Belenenses produzia o seu melhor no seu período de invasão. A linha geral da partida dá-se, em síntese, nos termos que sequeem.

O Sporting teve um firme começo: esquematização de jogadas; golpes de precisão de unidade para unidade; harmonia no trabalho das três células; e energia por parte de todos. O Belenenses sofreu o prolongado arranco. De certa altura do primeiro tempo em diante conseguia a necessária ligação de esforços. Então — exercea domínio, passando para os *leões* a função defensiva. Quando acabou a primeira parte, isto é, na

fase do fim, o Sporting estava, mesmo, um pouco desorientado.

A segunda parte foi o espelho da primeira. Os *leões* conseguiram de início ligar os lances com pareza de técnica, obrigando os belenenses da defesa a trabalho de enorme fadiga. Os belenenses reagiram na devida altura, jogando um pouco à vontade e com golpes de boa estampa durante um período acentuado. O seu domínio proseguiu até a fase dos cinco ou dez minutos derradeiros, em que a reacção leonina nos aparece deveras empolgante. Não nos venham dizer que os *profissionais* não jogam, muitas vezes como os *amadores* do mais puro quilate! Portanto, tudo certo: o empate 2-2 do fim, e também o empate 1-1 de cada parte. O futebol também se dá ao capricho de, uma vez por outra, ter lógica.

Cada avanço-centro marca duas bolas. Apesar do segundo ponto de Quaresma ser perleito de execução, as bolas de Peyroteo levantaram um ohi de admiração no campo, pela força e colocação do remate em exploração da maneira de Capela.

O desafio interessa, de um modo geral. Sem dúvida, o Belenenses tem a sua equipa alinhada. Conserva o seu futebol grácil, vivo e fresco, mas Augusto Silva pretende incitar em interiores do feitiço de José Pedro a ideia tão difícil de remate. Quer dizer: o grupo melhora. O Sporting baseia-se no saber e na experiência, organizando uma *linha medular* que seja capaz de executar, pelo esforço e energia, aquilo que os jogadores de verdadeira *classe* fazem com graça e sem esforço aparente, qual qual que com suavidade.

Azevedo influencia perniciosamente o *team*. Tendo começado mal, ou com infelicidade, nunca mais se liberta do pesadelo. Um grão de areia move montanhas. Cardoso, bem melhor que M. Marques, não atinja a sua carreira. Médicos, trabalhadores, Peyroteo, simplesmente magnífico. Albano, um prodígio de elasticidade. A. Ferreira, um jogador inteligente, desnorreou-se em certa altura: lembroumos-lhe que um passo a mais que se dá em jogo, com a bola nos pés, inutiliza o fãna de conjunto. J. Correia, vigiado, e A. Marques, um pouco apagados.

A defesa belenense, em conjunto, muito feliz. Um trio em destaque. Feliciano, o melhor. Serafim, eis a *sombra* de J. Correia. Sérgio e Gomes, razoáveis. Quaresma, um elemento magnífico: brilho e rasgo do futebolista de *classe*. José Pedro, melhor do que Elói; ambos mostrando o seu já reconhecido domínio de bola. Mário Coelho e Rafael, pouco afoitos. Arbitragem razoável, Sporting 2-Belenenses 2.

Atlético e Benfica numa partida curiosa

O Benfica alinhava na Tapadinha o seguinte grupo: Martins, Gaspar, César, A. Teixeira, Mo-

reira, Jordão, Rai, Arsénio, E. Santo, M. Teixeira e Rogério. Contra esta formação do Atlético: Correia, Baptista, Cunha, J. Lopes, Gregório, F. Lopes, Micael, Armindo, Catinana, Rogério e Marques. Árbitro: António de Almeida.

Entre um *team* categorizado e outro considerado meio fraco dá-se muitas vezes este curioso fenómeno: os grupos, numa luta renhida, dão-se a jogo equilibrado. Ou seja, por efeito de energia, ou por se agigantar de momento, o grupo de menos *classe* não se intimida, jogando de maneira a pôr em risco o seu forte adversário.

Tal aconteceu na Tapadinha. Durante todo um largo período do primeiro tempo, o Atlético revelou uma expressão de ataque, obrigando o Benfica a remeter-se à defesa. Nessa altura, o trio defensivo vermelho, no seu novo alinhamento, portou-se com brilho. Desde Martins a César, que substitui com vantagem Cerqueira, todos da defesa revelaram boa forma e entendimento de jogo, que é o que importa.

Todavia, quando o Benfica cresceu, colocando-se em vencedor, e tomando a iniciativa das operações, o Atlético alandou-se. Como o nádrago, procurava a tábua de salvação não a encontrando... Que contribua para isso? O mau rendimento da linha média do Atlético — precisamente o ponto forte (noutras eras) do *team*. O resultado justifica-se, portanto. Benfica 3 — Atlético 2.

Um desafio como tantos outros desafios...

Na Amoreira, os *teams* alinharam as seguintes linhas. Estoril: Valongo, Pereira, Elói, J. Costa, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Piza, J. Lima, C. U. F.; Laranjeira, Gomes, Armindo, Cartinhal, Alves, Gastão, Armando, Travassos, Arnaldo, Sousa Pereira e Tenganho. Árbitro: André Pinto.

O desafio decorreu sem interesse, do principio ao fim. Nem um rasgo, uma jogada de ligação ou um pormenor de efeito. O Estoril parece encontrar-se em abaxamento de *forma*. Lembra-mos que, sendo difícil saber, é muito fácil descer...

Alguns dos jogadores mais categorizados do Estoril estão em má *forma*. Mas não deve atribuir-se sómente a êsse factor o abaxamento. Todas as orquestras precisam de um maestro!

O Estoril, no seu lar, chegou ao *score* de 4-1. Vejo afinal a marcar pela diferença de uma bola. Tal estaria certo se a *volta* correspondesse a uma secção da Caf, levando de vencida, ou ultrapassando, em certa fase, o seu adversário. Ora, manda a verdade que se diga que o *team* da Caf não foi brilhante. Nem sequer regular. Limitou-se a lutar como pôde, e com boa vontade. Estoril 5 — Caf 4.

F. C. Monte Pedral

Na secretaria do Futebol Clube Monte Pedral está aberta a inscrição para os sócios e simpatizantes que queiram representar a colectividade em «basket», «volley» e «tennis» de mesa.

A campeã ROSA LOPES

simpática nadadora do ATLÉTICO, abandonou o desporto de competição

PELA segunda vez, no espaço de um ano, Rosa Lopes é entrevistada pela nossa revista. As circunstâncias, porém, é que mudaram totalmente. De qualquer modo, a entrevistada de há um ano vem-nos à memória.

Rosa Lopes afirmou, então, o propósito firme de continuar na primeira fila, entregando-se de alma e coração à sua modalidade predilecta, a defesa das cores do Atlético.

Hoje — tão do maduro... Rinsinuante nadadora resolveu por ponto final na sua carreira, a todos os títulos brilhantes — recheada de títulos e de recordações. Manifestou, porém, um desejo que malto nos desvanece: quis despedir-se por intermédio da *Stadium*. Palavras suas: «a publicação que mais me acarinhou nos meus tempos de campeã, será aquela, também, onde eu direi o último adeus...».

«Disputei em Coimbra a minha última prova»

Acompanhámos sempre, de perto, a carreira de Rosa Lopes. Vimo-la caminhar, segura, de



trianfo em triunfo, de «record» em «record», numa afirmação eloquente das suas magníficas qualidades. Assistimos às suas vitórias na doca e na piscina. Conhecemo-la garota — e vimo-la campeã nacional. E sempre, em todas as circunstâncias, o mesmo sorriso amável, a mesma graça, o mesmo desportivismo, a mesma vontade, enfim, todos os requisitos que fizeram dela uma verdadeira campeã.

Não foi, pois, sem emoção que tivemos conhecimento dos seus propósitos.

Rosa Lopes recebeu-nos na sua casinha alegre e confortável, recheada de recordações. E em nunca mais acabar de fotografias, de recortes, de capas da nossa revista...

Finalmente, o jornalista corta o silêncio:

— A resolução é inabalável!... Rosa Lopes não responde logo. Olha para o pai, seu dedicadíssimo companheiro, e em voz baixa, emocionada, explica:

— O meu propósito de abandonar a natção desportiva vem de há meses já. Pedi até que anunciassem em Coimbra, quando dos campeonatos nacionais, que

eu corria a minha última prova. Apenas... não me fizeram a vontade...

— Há-de haver uma razão...
— Sim. Ou melhor — várias razões... A principal, a falta de ambiente propício ao desporto feminino. Somos poucas — e cada vez seremos menos. Não que me sinto cansada, mas acho que é altura de me retirar. Depois, tudo muda. A vida segue a sua linha natural de evolução e nós não podemos contrariá-la. Temos antes de nos adaptar...

— Compreendo.

E entrando no outro tema:

— A Rosa guarda, por certo, boas recordações dos seus onze anos de actividade desportiva...

— Sem dúvida. Tudo são recordações. Desde a vitória na meia-milha do Caracavelinhos, aos títulos e aos «records». Acima de todas, porém, a vitória no campeonato nacional de 200 metros-brasos, em Espinho, em 1943. Dia inesquecível!

«Além disso, custa-me deixar a bela camaradagem que sempre encontrei; até entre os próprios adversários. E já que a vossa revista assim o permite, quero-me despedir de todos por inter-

médio da *Stadium*: de companheiros de clube, adversários, dirigentes, público — de todos. Especifico o Patrão, o Azinheira, o Heij Heyman, a Ana Linheiro, a Ilda Raposo e a Maria Isabel, o César Machado... E seria um nunca mais acabar de nomes!

«O dr. Mesquita Guimarães, Traveiros Tavares, Desidério Hertzka, os dirigentes do meu querido clube — à frente dos quais Paiva e Silveira distinguem-se sempre. De todos, e de muitos que de momento não ocorrem à memória, só recebi provas de amizade e de simpatia. Mas tinha que ser, a hora da retirada tinha de chegar. Chegou agora... A resolução é inabalável!

Caiu o pano...

A nossa missão estava terminada. O tom em que Rosa Lopes proferira as suas últimas palavras indicava-nos bem que nada mais devíamos perguntar.

A natção perdeu uma das suas melhores cultoras dos últimos anos, que em mais de duas centenas de corridas conquistou cerca de quarenta medalhas.

Mas a vida é assim. Tem as suas exigências — e não lhes podemos fugir.

Esta entrevista fica, pois, como o último acto de uma carreira brilhante.

Caiu o pano. *Stadium* honra-se por ter sido a publicação eleita pela gentil Rosa Lopes para o adeus da sua despedida e deseja-lhe, sinceramente, pela vida fora, as maiores felicidades.

ABREU TORRES

TENNIS

O CAMPEONATO DO ESTORIL

foi ganho por Henrique Cunha, campeão de Lisboa de 2.ª categoria

OS Campeonatos do Estoril, disputados recentemente, a seguir aos de Oeiras, vieram confirmar o que escrevemos há oito dias: «cada semana, cada torneio...» Ainda desta vez não se quebrou, portanto, o ritmo da sequência dos torneios, o que, inevitavelmente, agradou aos jogadores — a avaliar pelo número de inscrições. Mas não se evitou a contradição — que o foi para toda a gente — de uma organização que não satisfaz. Sentimos ter de o dizer. Mas é verdade.

O Estoril Parque Tennis quis antes organizar precipitadamente o seu torneio anual do que adiá-lo, ou, mesmo, desistir de o promover. Depois, foi pouco feliz com a publicidade relativa à abertura da inscrição e marcação dos encontros, o que justifica a pouca assistência. E o fracasso que teve o seu início nestes factos avolumou-se com a preocupação de recuperar o tempo perdido.

Tendo-se dado começo às provas com dois dias de atraso, nunca se deveria ter pensado em finais para o segundo dia do certame. Foi evidente o propósito de «organizar um programa». Exigiu-se dos concorrentes, por isso, um dispêndio enorme de energia, que reduz sempre, sobretudo para os mais «esacrificadíssimos», as suas possibilidades. Quasi se interrompeu a prova mais importante dos campeonatos, acabando-se por tirar à fase final o interesse que ela teria noutras circunstâncias.

Isto não impede que se diga que Gega Torok foi esforçado e que Manuel Nunes dos Santos foi excelente auxiliar. Todavia, sem uma organização cuidada e sem sequência regular não se conseguem bons torneios.

Que sirva o exemplo, já que outro — e bem recente — o da Costa da Caparica, não foi lembrado.

Os Campeonatos do Estoril «afinaram» pelo mesmo dispêndio das últimas organizações registadas. Senzivelmente o mesmo número de concorrentes, os mesmos nomes e as mesmas quatro provas. Para quem tem de o comentar a tarefa fica facilitada — mas torna-se aborrecida, por falta evidente de impressões novas.

O valor dos concorrentes ou a sua forma não podem sofrer alteração sensível no curto espaço de oito dias. Pode haver, sim, um dia de melhor ou pior inspiração do mesmo jogador, ou do adversário, e isso implicar um resultado-surpresa, capaz de dar a qualquer competição um vencedor que não estava entre os favoritos.

Verdade seja que a facilidade e a frequência com que os jogadores mudam de parceiro podiam fornecer motivos de interesse e de apreciação. Mas, sob esse aspecto, a grande verdade é só uma: é que eles ainda não se apercebem, ou não quiseram aperceber-se, da enorme vantagem que para todos adviria da circunstância de

terem sempre ao lado o mesmo parceiro.

Em suma: os Campeonatos do Estoril poucos apontamentos forneceram para a crítica.

Constituirá novidade dizer-se que Peggy Brixhe ganhou a prova de singulares-senhoras? A própria vitória de Jacqueline Favresse, sobre Gabriela Cantharino, não surpreendeu... porque a crise moral da vencedora subsiste. E nós insistimos: Gabriela está a sofrer as consequências de uma inexplicável falta de confiança nos seus óptimos recursos. Enquanto o seu estado de espírito não se modificar, a nossa melhor jogadora não ganhará aquelas que lhe «perderam o respeito»...

Em pares-homens, as formações mais em evidência foram as seguintes: Manuel da Silva-Joaquim Leitão, vencedora da prova; Azevedo Gomes-M. Nunes dos Santos, finalista; David Cohen-J. Quintana e C. Andrada-Teixeira Bastos, vencidas nas meias finais. A segunda era a menos equilibrada... mas tinha Azevedo Gomes.

Em pares-mistos, desde que Azevedo Gomes-Jacqueline Favresse bateram, na sua primeira exibição, Manuel da Silva-Gabriela Cantharino, o par vencedor ficou determinado. E o que mais lhe «bateu o pé» foi Curtis-Peggy Brixhe, pela superioridade de Peggy.

A prova de singulares-homens forneceu uma vitória de Henrique

BILHAR

Campeonato de Lisboa

Começa no dia 15 o Campeonato de Bilhar de Lisboa, modalidade três tabelas, em 1.ª, 2.ª e 3.ª categorias. A inscrição encerra-se hoje e pode ser feita nas casas de bilhar e na sede da Associação Lisbonense.

Cunha, que, sucessivamente, ganhou a J. L. Barata, Teixeira Bastos, José Pedro Gaivão e Azevedo Gomes. J. P. Gaivão foi o adversário mais difícil do novo campeão do Estoril, talvez porque Azevedo Gomes não deu o rendimento costumado, abandonando o jogo que mais lhe convinha, numa altura em que se pensava ainda do campeão de Portugal podia ganhar.

De salientar o comportamento de Campos de Andrada, mais em harmonia com as suas possibilidades, e a confirmação da melhoria de Teixeira Bastos. Vinhas chegou à meia final sem dar mostras de grande superioridade sobre os adversários e Joaquim Leitão não chegou onde se esperava, por má condição física, motivada por actividade muito intensa.

DRIVE

Satanela *fala-nos de desporto*

da loucura pelo futebol no Brasil da sua preferência pelo tennis...
...e de umas recordações que possui do Benfica e do Sporting

LUÍSA SATANELA... um nome que se evocava há tanto tempo com saudade... A popular e tão simpática artista andava há dez anos por terras de Santa Cruz — cheia também de saudades do «seu» Portugal! Sim... Do «seu» Portugal — porque Satanela, sendo italiana, é bem portuguesa pelo coração! Nunca esqueceu, lá por terras de Santa Cruz, este torrão onde fez tóda a sua vida, onde vibrou intensamente na sua carreira fulgurante de estrela do teatro ligeiro!

A guerra acabara e Luísa Satanela só pensou em regressar. O jornalista é um amigo velho e admirador incondicional da simpática artista. Fomos vê-la. E conversámos demoradamente, no seu pequeno camarim, onde chegavam os ruídos do palco: os carpinteiros preparavam com afã os cenários para a «première», enquanto a orquestra ensaiava mais um número do corpo de baile e as «girls» saltitavam nos bastidores, alegres e despreocupadas.

Não era nossa intenção ouvir Satanela para a *Stadium*. Mas, incidentalmente, através do muito que conversámos, em troca despreocupada de impressões vividas durante os dez anos que separaram a insinuante Satanela do jornalista, o nome da nossa revista «*Stafu*», nem nos lembra já porque... E o que poderia ser banalidade transformou-se em surpresa. Luísa Satanela sobressaltou-nos com uma exclamação:

— Bem sei! Uma revista desportiva que um dia vi na mão de um português amigo que está no Rio...

E então, sim, surgiu a entrevista, numa mutação compreensível na nossa conversa. Se até ali contara, com a sua simplicidade de sempre, momentos vividos no Rio, falando do teatro e cinema brasileiros e evocando os momentos de desânimo sofridos em consequência da guerra — passámos a conversar de desporto...

— No Brasil há verdadeiro entusiasmo pelo desporto e uma loucura fantástica pelo futebol. Mais ainda que em Portugal. Vibra-se extraordinariamente quando o desafio é dos tais de grande cartax... Chega-se a este ponto: Nos camarins há pequenos aparelhos de rádio e os artistas, se durante os espectáculos diurnos se faz a retransmissão, correm do palco, como loucos, para junto dos aparelhos, na mira de quem tenha surgido mais algum «goal» do clube seu preferido!

E comenta, a rir:
— Pior do que cá em dia de Sporting-Benfica...

— Diga-nos, Satanela. Há no Rio a mesma admiração pessoal pelos «cases» da bola?

— Sem dúvida! O Leonidas, jogador extraordinário, é de todos o mais popular. E' o Espírito Santo ou o Peyroteo do Brasil... Há anos, a sua popularidade era tremenda. Agora a estrela começa a desvanecer-se — mas há outras que surgem e se impõem.

Luísa Satanela conta nos mil e um casos passados no Rio durante a sua permanência ali e põe sempre em evidência as saudades de Portugal, do seu teatro, do seu público. Voltando propriamente ao desporto, a querida artista confidencia-nos:

— Julga útil a ginástica para quem cultiva o teatro ligeiro? — perguntámos. Satanela, abrindo seus olhos, grandes e profundos, a que as vicissitudes da vida não tiraram o encanto e brilho, afirma-nos:

— A ginástica é sempre útil — e necessária, principalmente para as bailarinas, para todo o corpo de baile. Sem ela, os músculos prendem-se, não nos obedecem. E a vincar a sua opinião a artista diz-nos:

— Nunca a pus de parte. Todas as manhãs faço os meus exercícios, a não ser nos últimos dias. A violência dos últimos ensaios deixara-me cansada, porque o trabalho tem sido muito. Mas depois da «première», voltarei a elas!

Do palco reclamaram a sua presença O ensaio ia continuar. Havia, no entanto, uma pergunta ainda a fazer — que o leitor desejaria que lhe fizéssemos... E uma fotografia, já que entretanto aparecera quem a fizesse...

— Qual é, Luísa Satanela, o clube seu preferido em Portugal?

Sorriu, ladeou diplomáticamente a resposta, e diz-nos, com evasiva, que conserva religiosamente uma medalha de prata que lhe foi oferecida pelo Benfica e um emblema em esmalte, oferta do Sporting...

— Não tenho preferência por nenhum! Gosto de todos! Sou de todos!

Sem que ela desse por isso procurámos ler-lhe nos olhos o nome do «seu» clube e encontramos então a resposta à nossa pergunta. O clube da simpatia de Luísa Satanela é... E' esse mesmo que o leitor pensou!...

Garantimos que não se engana...

Satanela reapareceu há dias no Maria Vitória, que foi desta vez demasiado pequeno para alojar tantos queriam demonstrar à brilhante artista que o seu nome e o seu talento não ficaram esquecidos durante estes dez anos de separação forçada.



Luísa Satanela na sua última fotografia, obtida já depois do regresso. É sempre Satanela...

que o «ténis», que praticou com entusiasmo, é ainda a modalidade que prefere.

Satanela, abrindo seus olhos, grandes e profundos, a que as vicissitudes da vida não tiraram o encanto e brilho, afirma-nos:

— A ginástica é sempre útil — e necessária, principalmente para as bailarinas, para todo o corpo de baile. Sem ela, os músculos prendem-se, não nos obedecem.

E a vincar a sua opinião a artista diz-nos:

— Nunca a pus de parte. Todas as manhãs faço os meus exercícios, a não ser nos últimos dias. A violência dos últimos ensaios deixara-me cansada, porque o trabalho tem sido muito. Mas depois da «première», voltarei a elas!

Do palco reclamaram a sua presença O ensaio ia continuar. Havia, no entanto, uma pergunta ainda a fazer — que o leitor desejaria que lhe fizéssemos... E uma fotografia, já que entretanto aparecera quem a fizesse...

— Qual é, Luísa Satanela, o clube seu preferido em Portugal?

Sorriu, ladeou diplomáticamente a resposta, e diz-nos, com evasiva, que conserva religiosamente uma medalha de prata que lhe foi oferecida pelo Benfica e um emblema em esmalte, oferta do Sporting...

— Não tenho preferência por nenhum! Gosto de todos! Sou de todos!

Sem que ela desse por isso procurámos ler-lhe nos olhos o nome do «seu» clube e encontramos então a resposta à nossa pergunta. O clube da simpatia de Luísa Satanela é... E' esse mesmo que o leitor pensou!...

Garantimos que não se engana...

Satanela reapareceu há dias no Maria Vitória, que foi desta vez demasiado pequeno para alojar tantos queriam demonstrar à brilhante artista que o seu nome e o seu talento não ficaram esquecidos durante estes dez anos de separação forçada.

ANTAS TEIXEIRA



Satanela surpreendida a falar para a *Stadium*



Na «Mil-longa» — da revista «*Tramo-so Salto*»



103 — Alvaro Martins Vieira, capitão da selecção nacional

Fotografias a meditar, sobretudo a segunda, pela excelência do estilo. Apenas na primeira, correspondente à subida para a barreira, pode criticar-se (1) a exagerada flexão do joelho, que no entanto pode ser atribuída a incompleta execução ainda da extensão da perna, pois na fase imediata aparece muito corrigida.

Repare-se na acentuada inclinação do corpo à frente (2) e na boa tiragem dos braços (3), estendidos ambos adiante e ajudando a progressão por sobre a barreira.

A perna de chamada, (4) inicia o afastamento lateral e mostra-se na segunda fase (5) em posição perfeita, anca, joelho e pé no mesmo plano horizontal.

Merece especial atenção a posição dos dois braços (6), que se conservam avançados e descaídos, prova de perfeito equilíbrio e poderoso auxiliar da passagem, acelerando a descida e facilitando (pela inclinação em que arrastam o tronco) o trabalho da anca direita e o avanço do joelho respectivo, sem necessidade de elevação, que causaria — pela correspondente descida do pé — o toque e derrube da barreira.

Para confronto da divergência de atitude e do corolário referido, apresentamos o estilo em fase correspondente do campeão nacional Fernando Ferreira, com a passagem da segunda perna (7 e 8).

104 — Luís Pinto Basto, campeão de Lisboa

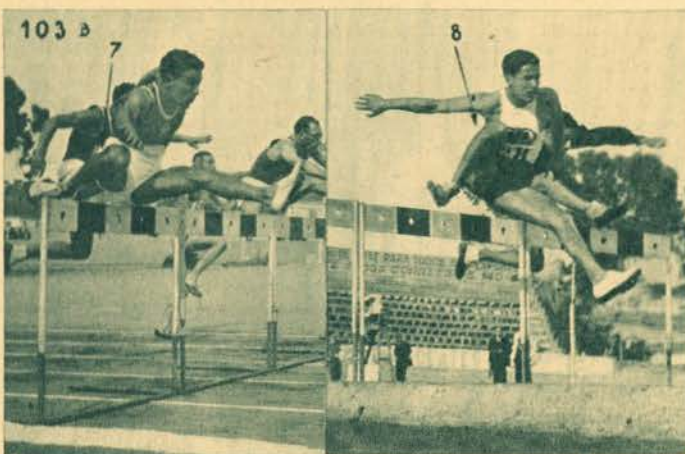
Quem se der ao cuidado de confrontar estas fases com outras semelhantes do mesmo atleta, que inserimos nesta secção há um ano, verificará que o estilo perdeu muito da sua perfeição com a mudança da esfera pequena para a esfera grande. Sinal de falta de poder.

Na primeira fase, a impulsão do braço já principiou e, no entanto, o joelho esquerdo (1) e a anca (2) estão flectidos com prejuízo da solidez de apoio. O braço direito (3) já

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes

atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes



em relação ao outro: houve, portanto, defeito na coordenação normal dos movimentos, pois a extensão impulsiva do braço deve ser feita apoiada no ombro já avançado relativamente à cintura escapular e nunca em falso, como neste caso.

A outra fase, mais adiantada, mostra outro erro a que já nos referimos em crónicas de comentário. O péo ainda está encostado aos dedos (5), por conseguinte ainda sobre ele se exerce acção impulsiva, e já os dois pés se descolaram do solo (6 e 7) privando o lançador do apoio indispensável à aplicação da força. Também neste momento existe defeito de coordenação, sobrepondo-se duas manobras, que deviam ser consecutivas.

SALAZAR CARREIRA



A MAIOR DURAÇÃO DE ACTIVIDADE

foi uma das causas que mais favoreceram os progressos da época de 1945

Crónica do dr. SALAZAR CARREIRA

HA males que vêm por bem. Assim podemos considerar, pelas suas consequências, aqueles incidentes, tão severa e justamente apreciados, que deram motivo ao adiamento do encontro Portugal-Espanha para data em que todos os anos cessou de há muito a actividade do atletismo português.

Os campeonatos nacionais foram sempre o fecho da nova temporada de pista; por iniciativa da Direcção Geral de Desportos, a Federação promoveu no ano passado um festival de encerramento, no Pórtio, que serviu para Sampaio Peixoto bater o recorde dos 400 metros, mas cujo êxito foi bastante prejudicado pela chuva. No entanto, se alguns dos participantes, sobretudo os novos, se apresentaram em quebra de forma, outros houve que mostraram a sua melhor condição atlética, dando a entender que o alargamento do período de competições era viável ou, melhor ainda, aconselhável.

Em 1945, esta indicação veio a encontrar aplicação obrigatória pela necessidade de manter a forma dos nossos melhores atletas até meados de Setembro, com vistas ao Match Ibérico, que só nessa ocasião tinha possibilidade de se celebrar.

Encontraram felizmente os dirigentes técnicos federativos, para facilidade no desempenho da sua missão, um factor novo e decisivo, sem o qual não poderiam talvez ter alcançado os seus propósitos: refiro-me ao acordo Benfica-Sporting na organização regular de torneios atléticos.

Todos sabem que, nas condições de vida do desporto nacional, é sobre a iniciativa particular que incide toda a responsabilidade de progresso e preparação individual. No caso particular do atletismo, ninguém contestará aos dois grandes clubes lisboetas, que forneceram à representação nacional 23 dos seus 28 componentes, o louvor pelo seu esforço persistente e pela preciosa colaboração prestada à Federação responsável.

Serviu ainda esta intensificação de actividade para demonstrar a simpatia que as provas de corridas e concursos possuem no espírito do público, animando a mais largos empreendimentos e conquistando, talvez, a oportunidade para conseguir dos dirigentes de outros desportos, que até agora olhavam o atletismo como parente modesto e importuno, o acordo para trabalho com benefício comum.

O facto de havermos alcançado este ano o ponto máximo na evolução progressiva da modalidade, é razão para regozijo — mas também é motivo para ponderada reflexão. As responsabilidades aumentaram directamente com a retumbância dos triunfos e com a subida de classe; não podemos

adormecer à sombra dos louros se quisermos evitar amargas desilusões.

1940 fôra, no passado, o melhor ano do atletismo português, mas sem continuidade; reconhecendo embora os prejuízos causados pelo afastamento de muitos dos melhores atletas, por motivos de serviço militar, a verdade é que a média dos resultados baixou consideravelmente até 1943, recomendo então a marcha ascensional, que atingiu esta época pontos superiores aos máximos passados.

Na próxima crónica apresentaremos em gráfico a prova desta afirmação, pelo que nos limitamos a indicar agora que a média de pontuação finlandesa, tirada pelos três melhores resultados em todas as provas do programa oficial de campeonatos, atinge respectivamente, na totalidade das corridas, dos saltos e dos lançamentos, 789, 765 e 641 p., com a média global de 749 p., — quando os máximos anteriormente registados haviam sido, pela mesma ordem, 776, 721, 624 e 713 p., todos em 1940, com excepção dos lançamentos, que corresponde a 1939.

Se analisarmos, prova por prova, a situação desta média de melhores valores, encontramos ser ela o vértice do gráfico nos 23 anos de moderna actividade do atletismo português, nos 200, 400, 800 e 10.000 metros; nos saltos em comprimento, triplo e vara; e no lançamento do martelo.

Em relação à temporada anterior, apenas baixámos de valor nas duas corridas de barreiras e no lançamento do dardo, este último, sem dúvida, o grande ponto fraco do atletismo nacional.

No decurso dos cinco meses incompletos de duração da época, foram as seguintes as marcas mais cotadas dos nossos campeões:

Manuel Núncio (Sporting), 100 m., em 10,8 s.; 902 p.; Tomás Paquete (Benfica), 100 m. em 10,9 s., 872 p.; João Silva (Benfica), 10.000 m. em 32 m. 15,8 s., 858 p.; Sampaio Peixoto (Académico), 200 m. em 22,2 s.; Francisco Bastos (Sporting), 800 m. em 1 m. 57,5 s.; Luis Alcide (Benfica), 1450 m. no triplo-salto, e Manuel da Silva (Sporting), lançamento do martelo a 48,41 m., todos 856 p.

Matos Fernandes (Benfica), 1.85 m. em altura, 846 p.; Eugénio Eleulério (Benfica), Sampaio Peixoto (Académico), Fernando Lourenço e Sebastião Camões (Sporting), 100 m. em 11 s., 843 p.; João Silva (Benfica), 5.000 m. em 15 m. 35,6 s., 837 p.; Alfonso Marques (Sporting), 5.000 m. em 15 m. 35,8 s., 836 p.; e Sampaio Peixoto (Académico), 400 m. em 50,8 s., 820 pontos.

**“Flecha”
é a melhor bicicleta**

DUAS NOTAS POR SEMANA

EM PORTUGAL

Por todo o país desenvolve intensa actividade a prática do futebol, empenhada na disputa severa dos campeonatos regionais, espécie de prólogo da grande representação dos torneios nacionais. O entusiasmo tradicional parece este ano ainda mais fortalecido por interesses especiais, que dão dos reflexos da luta travada entre os potentados dirigentes, até às inesperadas intervenções de equipas novas, que vêm, com a ousadia irreverente da sua mocidade, perturbar a tranqüila existência dos grupos considerados grandes pelo tradicional hábito de vitória.

Ninguém pode contestar a importância desta revelação de novos valores espalhados pela provincia, efficacissimo elemento de propaganda e seguro estímo de progresso geral.

Reconhecem-se nesta evolução os resultados da defesa dos legítimos direitos dos núcleos trabalhadores, estabelecida pelo rigor do regime de transferências por parte da Direcção Geral de Desportos; a doutrina é indiscutível — as consequências estão respondendo por ela — o que não impede a exteriorização de descontentamentos e a explanação de argumentos em contrario, uns e outros animados pelo impulso evidente de interesses certos dos que dantes tinham o que queriam, porque podiam, em detrimento dos que criavam e o perdiam, porque não tinham capacidade de competência.

É muito difícil impor aos poderosos um regime de cerceio dos seus caprichos — e o esforço de reacção é por vezes violento e tempestuoso. Mas as tempestades têm sempre um fim e o sol volta a brilhar.

NO ESTRANGEIRO

Os técnicos portugueses de atletismo são altamente considerados em Espanha, onde com frequência se registam na imprensa desportiva transcrições integrais dos estudos dos nossos escritores especializados.

Os dirigentes que acompanharam a Lisboa a selecção nacional espanhola transmitiram-nos o interesse que lhes merece a nossa secção «Corrija o seu estilo», a qual consideram de excelente, da mais eficaz crítica técnica.

Temos encontrado várias outras ocasiões para verificar o bom conceito que merecem no país vizinho os artigos do colaborador de atletismo do Stadium, dr. Salazar Carreira, muitos dos quais foram reproduzidos de principio a fim em jornais da especialidade, nomeadamente em «Mundo Desportivo», de Barcelona, o mais antigo e apreciado diário desportivo espanhol.

Com prazer registamos sempre essa prova de apreço pela obra de um dos nossos redactores, tanto maior satisfação quanto houve por parte do nosso colega catalão o escripturo de citar a nossa revista ao transcrever o estudo.

Agora, porém, encontramos maior sem-cerimónia no boletim oficial da Federação Catalã de Atletismo, em que seus números 13 e 14 reproduz dois artigos do dr. Salazar Carreira, insertos em Stadium, e ainda no segundo daqueles números outro estudo do prof. Ferreira publicado no nosso colega «A Bola», limitando-se a citar os nomes dos autores, mas omitindo a fonte de origem.

Era uma cortesia fácil de cumprir — e que faz parte das normas usuais na camaradagem jornalística. Supomos que em toda a parte do mundo...

BASKETBALL

O torneio da abertura da F. P. B. B. principiam na sexta-feira

Os nossos campos de «basketball» voltaram a animar-se. Em Lisboa, no Pórtio e em Coimbra, pelo menos, por determinação da Federação Portuguesa, principiou a disputa do «Torneio de Abertura», e este facto deu lugar a várias cerimónias. Para o Norte deslocou-se o sr. Cunha Martins, tesoureiro da Federação, que aproveitou a oportunidade dos jogos para distribuir taças e medalhas a vencedores da última época.

Ao torneio de abertura (no estilo de torneio relâmpago), concorreram algumas das mais conceituadas equipas: Vasco da Gama, F. C. do Pórtio, Guifões e Académico, do Pórtio; Sport, Olivais, Nacional e Académica, em Coimbra; Belenenses, Desportivo da «Cufa», Algés e Benfica, da capital.

O distrito de Aveiro, onde existem bons grupos, não correu ao «Torneio de Abertura» e isso

deve lamentar-se. Aveiro tem boas tradições no «basketball». E bons grupos, como o Beira Mar, o Gailito, o Sangalhos...

Entretanto, fazem-se preparativos para os campeonatos regionais. O sorteio, em Lisboa, ofereceu-nos logo de entrada dois bons jogos: Belenenses-Algés e «Cufa»-Atlético. Lisgás-Benfica e Rio Sêco-Carnide completam a jornada. Os jogos de 1.ª categoria serão disputados todas as 3.ª e 6.ª feiras, no campo do Lisgás.

O «basketball», o ano passado, concluiu em beleza. Boa luta e bons jogos, graças a uma sã rivalidade. Oxalá este ano aconteça o mesmo.

Para fechar esta crónica de abertura da época, uma notícia mais: o pedido de demissão colectiva do Conselho Técnico da Federação. Não conhecemos os motivos. Mas, com certeza, justificam atitude tão decisiva.

O italiano COPI

correu 45,870 quilómetros, em bicicleta, numa hora

O «records» mundial da hora, em bicicleta, desperdiçou em todos os tempos verdadeira paixão dos corredores de pista — e até de estrada. Todavia, a prova não está ao alcance de todos, pois o êxito, além de depender de muitos factores, entre os quais sobressaem as condições da máquina e da pista, exige preparação e treino especiais. Isto ficou demonstrado claramente, há poucos anos, quanto das últimas tentativas que se registaram.

Há cerca de um ano, o detentor do «máximo» da hora em bicicleta era o italiano Fausto Coppi, que estabeleceu o novo «records», nos princípios de Novembro de 1942, em Milão, com a marca de 45,870 quilómetros. De então para cá, nada consta quanto a qualquer tentativa para a queda deste «records», a não ser uma de Lohmann, em Agosto de 1944, que não teve êxito.

Ainda que não se ignore que o italiano se encontrava então na sua melhor forma, a proeza de Coppi tem de considerar-se extraordinária. É que a sua preparação foi feita em dois dias somente...

Porque está corredor venceu a «Volta à Itália», batendo o famoso Bartali, e porque antes levava a melhor sobre Schülle, em Zurique, os italianos acreditavam cegamente que Coppi seria capaz de derrubar o «records» que Archambaud estabeleceu em 1937, com 45,840 quilómetros.

Mas ele é que não mostrava grande inclinação pela «hora em bicicleta»... Dir-se-ia que receava a experiência. Por fim, os insistentes conselhos de Girardengo foram seguidos e a tentativa coroada de êxito. Coppi alcançava mais um triunfo — dos que conduzem à celebridade.

É curioso fornecer aos leitores a história do «records» da hora, estabelecido inicialmente em 1893, pelo propulsor da Volta à França em bicicleta, Desgrange.

El-la:
1893, Desgrange (francês), 35,325 (Paris); 1894, Dubois (francês), 38,220 (Paris); 1897, Maurice (belga), 39,240 (Paris); 1898, Maurice (belga), 39,968 (Paris); 1898, Hamilton (norte-americano), 40,781 (Denver); 1905, Petit Brelon (francês), 41,110 (Paris); 1907, Berthel (francês), 41,520 (Paris); 1912, Egg (suíço), 42,122 (Paris); 1913, Weise (alemão), 42,306 (Berlín); 1913, Berthel (francês), 42,502 (Paris); 1913, Egg (suíço), 43,525 (Paris); 1913, Berthel (francês), 43,775 (Paris); 1914, Egg (suíço), 44,247 (Paris); 1933, Richard (francês), 44,777 (St. Trond); 1935, Olmo (italiano), 45,090 (Milão); 1936, Richard (francês), 45,398 (Milão); 1937, Sloots (holandês), 45,558 (Milão); 1937, Archambaud (francês), 45,840 (Milão); 1942, Coppi (italiano), 45,870 (Milão).

Em cerca de meio século, o «records» da hora em bicicleta conheceu 19 marcas. Mas o pe-

(Continua na página 15)

Water-polo em Portugal?

O leitor sabe, certamente, que este interessante jogo de «water-polo», entre sete bons nadadores — já há muitos anos está esquecido, em Lisboa, como no Pôrto, em Aveiro e por aí fora...

De facto, isso não corresponde a bons propósitos de trabalhar e de progredir. O «water-polo» é emotivo, os seus praticantes precisam de agilidade, boas condições físicas e tudo o mais. Mas, não se sabe bem porque, a interessante modalidade deixou de existir nos programas dos clubes, das Associações e da própria Federação.

Em tempos que passaram o «water-polo» tinha muitos praticantes. O Algés e Dafundo, o único que mantém a chama sagrada, o Sporting e o F. C. do Pôrto foram campeões de Portugal. Nadadores como Bessone, Azinhais, Artur Miguel, Patrone, Pedrosa, Basílio, Oliveira Duarte, Stockler, Renou, Álvaro Sequeira, António Branco, Couto Moniz e outros, tornaram-se célebres — e ganharam campeonatos. Disputaram-se torneios em Lisboa e no Pôrto, em Aveiro e em Viana do Castelo, e isto em 1.^ª, 2.^ª, 3.^ª e 4.^ª categorias! O Pôrto-Lisboa, como o Portugal-Espanha «de facto», faziam parte dos programas oficiais...

Tudo desapareceu, entretanto. Há muitos anos, pelo menos há 8, — o «water-polo» passou a ser um jogo desconhecido do grande público. Às vezes, por brincadeira, exibiam-no entre grupos de clube, apenas em Algés — com barretes brancos de um lado e vermelhos do outro... Maneira simples de lembrar o passado.

Ora, se nos dão licença, o caso merece umas linhas de recriação. Por bem. Só por bem. Um grupo português, com título de selecção nacional, foi até à capital da Catalunha e perdeu por 8-0 e 9-1. Para muitos, para quasi todos, — o caso não interessou extraordinariamente. «Water-polo» é modalidade que não tem tido movimento oficial... Mas para quantos estiveram nas instalações de Montjuich, esta superioridade não representa com certeza a vitória de um «grupo bom» sobre uma equipa que existe apenas em teoria...

Que não se compreende este desinteresse em Portugal — é exacto. Que fôssemos até Barcelona só para exhibir um grupo de 7 homens em preparação e sem o indispensável saber — parece-nos feio.

A lição deverá ser aproveitada. Não a lição de jogo dada pelos nossos amigos do país vizinho. Nem sequer pensávamos nisso. A lição que o encontro nos poderá fornecer é apenas esta: servir na verdade o jogo de «water-polo». O público gostava, aqui há anos. Então, — porque não se faz a sua propaganda?

Quando isso se der, quando os nossos grupos disputarem um campeonato, dois ou mais, — já não merecerá censuras uma selecção nacional. Pode ser uma questão de inferioridade «autêntica».

Assim, — não está certo. Faça-se

NO XADREZ

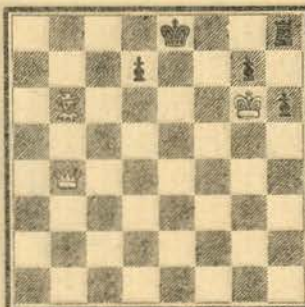
Concursos de composição e solução de problemas

PROBLEMA I

A. Pereira da Silva

Inédito

Dedicado aos leitores de Stadium



VENDA DO PINHEIRO

Mate em dois lances

Concurso Ibérico de Soluções

PUBLICAMOS hoje o primeiro problema proposto para o nosso Concurso de Soluções. Damos, assim, começo e uma prova que, pela sua natureza e característica, está ao alcance de todos amadores do nobre jogo, embora não possa considerar-se isenta de dificuldades, maiores ou menores, consoante a adaptação e facilidade do solucionista.

Ainda que sem carácter oficial, as nossas cores têm sido brilhantemente representadas na actualidade, sobretudo por intermédio das magníficas actuações do nosso compatriota Artur Pereira da Silva, conforme referimos. Mas não basta o esforço isolado — impõe-se o incremento da actividade, e que este seja extensivo a todos os adeptos.

Éis a oportunidade que oferecemos aos xadrezistas nacionais, com o duplo objectivo de lhes facilitar o treino indispensável para futuros provas de renome internacional, que a guerra viera interromper, e que os grandes nomes do xadrez europeu tentem fazer reviver.

primeiro quanto é necessário para valorizar a modalidade e, se isso for julgado oportuno — promovam-se jogos internacionais. Pela nossa parte, nem sequer há o propósito de supor que os jogadores portugueses de «water-polo» não sejam bons. São, com certeza. E dizem ter feito tudo para não perder por 8-0 e por 9-1...

— Mas joga-se actualmente «water-polo» em Portugal? Perdõem-nos a pergunta. Não é feita para magoar e apenas se pretende chegar a esta conclusão: deverá fazer-se tudo para que esse se jogue, de facto, o mais breve possível.

Talvez se evitem jornadas como as de Barcelona. E talvez desapareça então aquêle ar ingénuo de muito desportista de «carreira» moderna que nos interroga afiito: —? Que é isso de «water-polo»? Por quantas pessoas é jogado?

E, se não souber inglês, ainda é capaz de querer que lhe digamos muito mais...

As bases do Concurso são as seguintes:

Pontuação: Por cada solução dos dois-lances, 2 pontos; pelos três-lances, 3 pontos (nos primeiros é suficiente a chave e variantes principais). Por cada solução além da do autor: 2 pontos nos dois-lances e 3 nos três-lances; Insolubilidade e ilegalidade de posição, 4 pontos. Por cada dual ou mate múltiplo, 1 ponto (entenda-se, neste caso, os dois ou mais mates resultantes de defesa da ameaça, ou quaisquer nos bloqueios). Por cada indicação [falsa] solução errada, indicação de duals inexistentes, omissão das variantes temáticas dos dois-lances ou do segundo lance branco dos três-lances, perda de 1 ponto (nenhum problema poderá, porém, dar pontuação negativa).

Será publicado o melhor comentário técnico de cada problema, que, em princípio, não deverá exceder 20 palavras, excluindo as jogadas.

O prazo para o envio de soluções é de 15 dias, para os concorrentes de Lisboa; de 3 semanas, para os da Província, e de um mês para os das ilhas adjacentes e Espanha.

Premios Instituídos: ao 1.^º classificado, um objecto de arte ou utilidade; ao 2.^º, uma assinatura anual da nossa revista; ao 3.^º, uma assinatura semestral; ao 4.^º, o volume V — Problemas — da Colecção Paluzie.

Juiz do Concurso: Vasco Casimiro dos Santos.

O Concurso Temático de Composição

Recebemos já dois inéditos portugueses, que oportunamente serão publicados e, conforme estabelecemos, incluídos no Concurso de Soluções. Os envios devem ser dirigidos à nossa Redacção, observando as regras publicadas no nosso n.º 146, das quais destacamos as essenciais: envios de preferência em diágrama, com solução completa, nome e pseudónimo do autor, morada e localidade.

O enunciado do tema proposto é o seguinte:

Num problema ameaça ou bloqueio, directo em dois lances, as duas variantes temáticas resultam da desprezagem por intercepção negra e promoção diferente de um Peão branco, com mates directos ou de bateria.

Exemplo: Problema em notação Forsyth, de Vasco C. Santos, Revista Portuguesa de Xadrez, 1942: 201b82-2p2R1-2Rp3-PT2cTPl-P2P4-2-5-5bd1-8. Solução: 1. Tf6; variantes temáticas: 1... Bf7; 2. d8=C e 1... C7; 2. dx8=B.

Premios Instituídos: 1.^º, um objecto de arte ou utilidade; 2.^º, uma assinatura anual da Stadium; 3.^º e 4.^º, volumes de Revista Portuguesa de Xadrez, e ainda um prémio especial, para o melhor trabalho português, se se verificar a existência de um número de concorrentes estrangeiros igual ou superior à metade dos participantes nacionais. Esperamos poder já anunciar, num dos próximos números, a identidade do juiz designado para julgar e classificar os trabalhos deste concurso.

A 2.ª JORNADA do Campeonato de LISBOA



NO LUMIAR: Mário Coelho consegue rematar por entre a defesa do Sporting, mas Azevedo saiu a tempo para segurar a bola



NO LUMIAR: A beleza atlética do futebol vista através desta fase da luta entre Barrosa e Mário Coelho



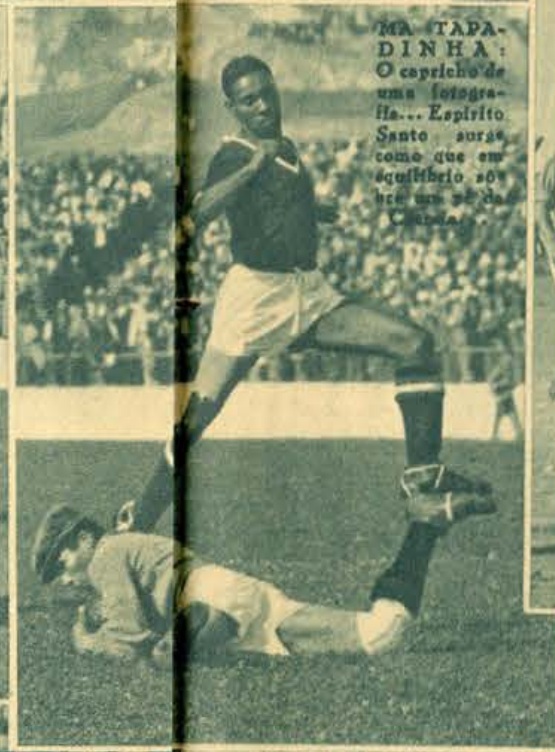
NO LUMIAR: Lourenço disputa a bola com Elol - com vantagem para o sportinguista



NO LUMIAR: Quereima não ganha na luta com Azevedo e Manuel Marques



NA TAPADINHA: Curioso mergulho de Martins aos pés de Catinano



NA TAPADINHA: O capricho de uma fotografia... Espírito Santo surge como que em equilíbrio sobre um pé da bola



NO LUMIAR: Jesus Correia perde uma oportunidade facultada por Peyroteo. Nem foi necessária a intervenção de Sérgio...



NA TAPADINHA: Catinano remata a cabeça - e Martins não consegue evitar o gol



NA TAPADINHA: Redondo marca o 3.º gol do Sporting, depois de um passe de Catinano



NO ESTORIL: Larangeira, o «keeper» da Cui, visto em acção em dois momentos da partida para rudes condições à sua guarda

ATLETISMO

Os "estrepentes" que se salientaram na temporada de 1945

O atletismo nortenho viu-se, este temporada, enriquecido por um conjunto numeroso de jovens praticantes, alguns dos quais desde logo deram provas práticas do seu valor. Outros, porém, deixaram perceber qualidades naturais apreciáveis, que merecem muito estudo e bom aproveitamento. Este facto é motivo de forte contentamento para todos os que querem à modalidade — que entre nós vai pouco a pouco conquistando o ritmo progressivo da renovação da «população praticante», tão indispensável à marcha de qualquer desporto. Para os actuais valores (foram-se, pois, naturais substitutos, que no momento preciso devem exibir-se à altura do bítolo que o atletismo portuense precisa para ocupar o lugar que lhe compete no panorama desportivo nacional.

Foi este um dos consoladores carizes que nos deu a «temporada» de 1945.

Neste ligare crónica vamos falar daqueles jovens que, tomando parte nas competições reservadas a «estrepentes» e «incipientes», melhor impressões nos deixaram, quer pelos resultados técnicos obtidos, quer pelas qualidades que evidenciaram.

Em velocidade, pura e prolongada, merecem citação: Alfredo Valente Serrano, José Reis Almada, Américo Moura Pinto, Ferreira da Silva Dória Nóbrega, Fernando Romero, Armando de Sousa, Tavares Fernandes, Ercílio de Oliveira, José Oliveira, Américo Boavida, Paulo Claro e Armando Moraes. Foram estes os que melhores classificações alcançaram, mas outros mais — em maior número — deixaram entender bom futuro. Quere dizer: nas especialidades compreendidas na citação feita, o atletismo nortenho pode encetar com confiança as próximas épocas.

Em «meio-fundo» e «fundo» — generalizando as especialidades, José Cortês, Leonel Silva, António Barros, Carlos Miranda, Couto e Melo, Ildio Ribeiro e Samuel Magalhães estiveram em evidência, em especial Cortês, Leonel e Barros.

Em concursos — modalidade em que geralmente o nosso atletismo (processo — e «matéria-prima» é excelente, e até se vislumbra já um substituto para o consagrado Hercúleo Mendes: o jovem José Madeira, praticante cheio de qualidades, particularmente para o lançamento do martelo, cujo «record» regional (único) lhe pertence com um só ano de prática.

Nos saltos, Alfredo Valente Serrano (uma «esperança» revelada num torneio da *Stadium*), Pedro Pessoa, Paulo Claro, Armando Moraes, Hélio Dias, Moisés Silva, Júlio Norberto, Américo Boavida, Albano

(Continua na página 12)

INICIATIVAS DA «STADIUM»

Amanhã, na sede da Associação de Futebol do Pôrto,

vai proceder-se à distribuição dos prémios conferidos pela nossa revista aos vencedores dos torneios de «volleyball» e de atletismo

VIVE ainda na memória dos desportistas nortenhos o êxito retumbante que alcançou a «campanha» da *Stadium* em favor do desporto portuense, com três organizações que tiveram, além de outras virtudes, o de inaugurarem as «temporadas» das modalidades para as quais dirigimos a nossa atenção: «corça-mato», «volley» e atletismo puro.

Em tôdas elas, tanto o público, que compareceu em número elevado, como os leitores, que não nos faltaram com as suas palavras de aplauso, como ainda os clubes, que se fizeram representar na sua máxima força, nos manifestaram sempre o melhor carinho, e afirmar que os nossos solitares propósitos haviam sido bem compreendidos.

Modestamente, sem auto-reclame, *Stadium* movimentou mais de três centenas de praticantes, dando vida e animação a algumas das mais belas modalidades desportivas.

Não nos envidace o êxito que alcançámos; pelo contrário, servem-nos de incentivo, a procurar fazer sempre melhor, no objectivo lógico de se ser útil à causa desportiva.

Primeiramente foi uma prova de «corça-mato», com a qual a época de Inverno se inaugurou. No país, foi o «corça-mato» da *Stadium* o primeiro a disputar-se. Venceu-o a completa equipa do Salgueiros, individual e colectivamente. Dias depois, fez-se a distribuição dos prémios, numa memorável sessão solene, realizada na sede do Académico, e a que presidiu o delegado da Direcção Geral, sr. Mário de Carvalho.

Vieram a seguir duas novas organizações — também a abrir as respectivas épocas: a do «volley» e a do atletismo. O êxito repetiu-se, agora mais colorido, mais retumbante, de molde a deixar-nos certos de que havíamos cumprido o nosso dever.

Pois são estas duas organizações que vão ter, amanhã, na magnífica sala de sessões da Associação de Futebol do Pôrto, o seu merecido epílogo, com a distribuição dos prémios que *Stadium* ofereceu aos vencedores de cada pugna.

Tudo faz prever que este encerramento de uma obra modesta, mas essencialmente construtiva, atinja o desejado brilhantismo. E por certo assim sucederá, dadas as facilidades e ofertas de preciosos colaboradores que de todos os lados nos chegam: Os dirigentes da A. F. P., por exemplo, foram de uma gentileza lei para com a nossa revista que não sabemos como agradecer-lhes.

Em suma: e sessão solene que amanhã, dia 11, levamos, pelas 21.30 horas, a efeito na sede da A. F. P., para distribuição dos prémios dos nossos torneios de «volley» e atletismo, promete marcar como das notas dominantes da «semana desportiva» nortenha. E para que assim seja, na verdade, não faltará a presença do sr. Mário de Carvalho, dos representantes das associações regionais e dos clubes seus filiados, e dar maior brilho a mais uma iniciativa da *Stadium*.

O nosso camarada Eduardo Soares proferirá uma breve palestra. Os prémios a distribuir são os seguintes:

Torneio de «Volleyball» — Taça «Dr. Selezar Carreira» para a equipa do F. C. do Pôrto. Medalhas aos jogadores: Castro, Medeiros, Artur Oliveira, Mário Aguiar, Piñal e Cebo, do F. C. do Pôrto; Luis Viegas, João Cabral, Archer, Hélder, Néson e Sousa, do Centro Universitário.

Torneio de Atletismo — Taça «Roberto Machado» para a equipa do Académico F. C. Medalhas aos atletas: Américo Moura Pinto, F. C. do Pôrto (60 m.); José Reis Almada, Académico F. C. (120 m.); José Cortês, idem (700 m.); António Barros, F. C. do Pôrto (2.000); Pedro Pessoa, Académico F. C. (altura); Alfredo Serrano, F. C. do Pôrto (comprimento); António Augusto Tender, idem (peso); e Abílio C. Silva, Académico F. C. (disco).

EXPECTATIVA, e grande, pode agora notar-se entre os desportistas que acompanham a disputa do campeonato regional de futebol. A primeira grande vitória do Boavista sobre o F. C. do Pôrto, na jornada inicial, pode ter-lhe garantido o título de campeão do Pôrto. Baste, para isso, que os antigos campeões (quem na tabela de classificação com os mesmos pontos. Se os «azuis-brancos» não vencerem — e isto é problemático — por maior número de «goals», adeus título!

ENTRETANTO, tudo parece encaminhar-se para a valorização da prova. O Leixões também possui equipa boa, tão boa que venceu justamente, embora num jogo particular, por 3-1, o F. C. do Pôrto. Não falta quem o julgue muito capaz de se candidatar ao posto de representante do Pôrto no torneio nacional.

E, então, até pode surgir outro perigo: — o do F. C. do Pôrto, e descuidar-se, não aparecer no grupo dos dois primeiros...

SANFINS, que elinhava há um ano, em jogos particulares, pelo F. C. do Pôrto, tendo-se exibido, mesmo, contra o Real Madrid, voltou inesperadamente ao Overense, seu antigo club.

Claro que fez o que muito bem entendeu. Todavia, entre portuenses adeptos ao F. C. do Pôrto, dados os compromissos morais que por certo havia tomado, a desercção impressionou desagradavelmente. E' que um dia antes de assinar a ficha pelo Overense, havia treinado no Campo de Constituição...

Pelo menos, não custava nada fazer claro — para evitar dadas confusões.

JOAQUIM é o novo recrutado do F. C. do Pôrto. Repetiu novo, excelente dominador da bola, pode progredir imenso no grupo «azul-branco». Como se verifica certa quebra de possibilidades no Interior direito — Araújo, — se Gomes da Costa voltar ao «team», poderá considerar-se resolvido o problema do trio central.

ASSINE A «STADIUM»

A patinagem portuense

A patinagem portuense tem uma história. Isto se quisermos voltar ao passado, há 40 anos, pelo menos. Quando se fundou o F. C. do Pôrto, o futebol pouco público arrastava aos campos. E, isso mesmo, à custa de convites especiais...

Todavia, o seu «rink» de patinagem enchia-se e o número de patinadores e patinadoras era grande. Depois — tudo parou por longo tempo, enquanto que em Lisboa sucedeu o contrário. Daí — a sua evidente superioridade.

Ultimamente, porém, o gosto pela patinagem voltou a enraizar-se. O Infante de Sagres e o Estréla e Vigorosa Sport foram os primeiros impulsionadores. Mais tarde — o Académico, o Carvalhos, a Académica de Espinho. Por último, o F. C. do Pôrto, que no seu primitivo campo da rua da Rainha (hoje Antero de Quental) tantas reuniões brilhantes promoveu.

Os «azuis-brancos», novatos no «hockey» em patins, têm colecção derrotas sobre derrotas. Mas isso, afinal, não os tem perturbado. Talvez poucos tenham reparado no seu desportivismo, no seu espírito de sacrifício, mesmo, nas *Stadium* não fará «vista grossa»...

Olá, por isso, que tudo caminha bem e todos se consagram à expansão da patinagem portuense. Os vencidos de hoje podem parecer-nos como vencedores de amanhã. E, já agora, não parece mal sugerir a instalação de novos «rinks». O F. C. P., por exemplo, bem precisa de olhar por isso...

DOS JORNAIS, vêm de Lisboa e de outros belgas, franceses e suecos.

Carlás ao director

Peço um favor, esse director: minha sogra quer entender. Pior que um tambor, vejo um color... ludo à porfia me quer belar.

Os portugueses, todos os meses, me deram coça, me deram coça; por isso choro e a si imploro: — porem co'a troça, porem co'a forsa!

Nos regionais, nos nacionais, fui derrubado, fui perseguido. Já contra a Espanha, com feroz sanha, fui espezinhado, fui espremidão...

E continue a sorte crua do minha vida, do meu viver; vêm estrangeiros, todos lampelros, numa corrida, p're me belar.

E nesta luta, feroz, abrupta, cruel, sem fim, ludo me morde! Já sino a minha, já estou no espinho... Pobre de mim, pobre «récorde»!...

SALPICO

Sporting Clube de Portugal

Na secretaria do Sporting está aberta a inscrição de sócios simpatizantes que queiram representar o clube em «rugby». Os treinos efectuam-se às quintas e domingos, às 17,30 e 3,30 horas, respectivamente.

Da mesma maneira o Sporting aceita a inscrição de sócios e simpatizantes, de 16 e 17 anos, que desejem representar os «eleões» em «basket», categoria de juniores, no próximo campeonato de Lisboa.

As nossas Separatas

Neste número oferecemos aos nossos leitores a fotografia a cores da equipa do SPORTING CLUBE DE PORTUGAL vencedora da «Tapa Portugal».

Nos próximos números daremos novas folhas com os EMBLEMAS DOS CLUBES DESPORTIVOS de Portugal.

Também brevemente começará a publicação da BIBLIOTECA DA STADIUM.

O CAMPEONATO DA II DIVISÃO DA A. F. L.

O Chelas e o Marvilense estão à frente da classificação

A segunda jornada do campeonato da II Divisão da A. F. L. podia, ainda, considerar-se de expectativa, uma vez que uma só exibição das equipas não permite, salvo raríssimas excepções, que se forme juízo exacto sobre as suas possibilidades, ou se fixe uma ideia.

E porque assim é, de facto, a aronda de domingo prestava-se, ainda, a estudo... Outro atractivo não tinha, visto que a pontuação actual, numa prova tão longa como esta, nada significa.

Depois dos encontros de domingo, pode começar a pensar-se que a luta para o título travar-se-á com mais ardor entre determinados concorrentes — possivelmente Chelas, Fósforos e Marvilense, que nas duas primeiras jornadas melhor conta deram de si.

Por simples curiosidade, anotamos a pontuação, depois de dois encontros: 1.º Chelas e Marvilense, 6 pontos; 3.º Fósforos e Operário, 5 pontos; 5.º F. Benfica e Sacavenense, 3 pontos; 7.º Casa Pia e Olivais, 2 pontos.

Recordando a classificação do ano findo, pode causar admiração ver-se o Marvilense à frente e o F. Benfica e o Olivais atrasados.

Os jogos de domingo

Os encontros de domingo tiveram os seguintes resultados: Marvilense-F. Benfica, 3-1; Operário-Sacavenense, 2-2; Fósforos-Olivais, 8-0; Chelas-Casa Pia, 6-1.

O primeiro desafio apresentava-se como o de maior interesse. Seria o Marvilense capaz de repetir a agradável exibição de há oito dias? Viu-se que sim. A equipa ganhou com a inclusão de jogadores saídos dos juniores, mostrando-se batalladora e confiante. As duas vitórias já obtidas podem dar-lhe alento para novos cometimentos. O futebol Benfica ainda não carrilou, fazendo uma exibição que deve ter deixado apreensivos os seus partidários.

O Operário, jogando em casa, desiludiu... e esteve em riscos de perder. Tivessem sido os avançados do Sacavenense mais expeditos e o desfecho seria outro, certamente. Os de S. Vicente têm uma atenuante: jogaram com dez homens, porque não reüniram mais, de modo que o esforço a que a sua combatividade habitual obriga fe-lhos abrandar no segundo tempo.

O Fósforos-Olivais não tem história, tão nítido foi o resultado.

O Chelas deu mais uma vez a impressão de estar à vontade. O Casa Pia só foi adversário à altura dos campeões durante vinte minutos — e isto pode justificar o resultado convincente a favor dos chelenses.

Zé do Peão

FLECHA

é a melhor bicicleta

Touros & Toureiros

VI

ESBELTO de figura e muito insinuante, Caetano Sanz foi o tipo de toureiro mimado pelo sexo frágil. Como matador, foi delictivissimo, eternizando-se por vezes a «pinchar» e sofrendo não poucas o vexame de ver recolher os seus toiros vivos no carral. Essa deficiência, motivada pelo medo, que nunca conseguia dominar no momento da sorte suprema, impediu-o de competir vantajosamente com os seus primeiros liguros do sea tempo.

Terminada a rivalidade Códhares-Chiclanero, com o desaparecimento prematuro deste último, surge pouco depois a nova «pareja» de competidores que havia de reanimar o fogo dos poixões tauro-múquicos: António Sanchez (El Tato), genro de Códhares, e António Carmona (Gordito), que travam na arena a mais séria

das rivalidades do século XIX, originando a sua competência frequentes e violentissimos conflitos.

Tato, toureiro certo com a maleta, foi dos maiores estilistas da estocada a «polapiés». Começara modestamente a sua carreira agregado a um grupo de moços de loreado portugueses que trabalhavam bastante em Espanha, nas temporadas de 1849 e 1850. Anos depois, veio a ser o toureiro mais querido do público de Madrid. Contavam-se pelos dedos, na capital das Espanhas, os «aficionados» que não eram seus partidários incondicionais.

Gordito, competidor de Tato e toureiro de mais largos recuos, via-se seriamente prejudicado pelo favoritismo dispensado ao seu rival. Permanecera durante anos em Lisboa, onde, a exemplo dos toureiros portugueses, praticara a sorte, então em uso no nosso País, do câmbio ou «quebrar» a corpo limpo. Resolveu applica-la às bandarilhas e o êxito da emocionante novidade foi tal que Gordito chegou a cobrar em Espanha, como simples bandarilheiro, honorários muito superiores aos dos matadores com que toureava.

A propósito da rivalidade Tato-Gordito, occorre-nos falar de um toureiro da mesma época, muito mais discutido depois de morto do que durante o período largo em que rodou, com melhor ou pior fortuna, pelas arenas de Espanha e das duas Américas. Referimo-nos a Manuel Dominguez, patriótico do malogrado Gallito, pois nasceu na risonha povoação de Gelves, Sevilha, seicenta e nove anos antes de ali vir ao man. O a benjamin da «linda dos Galios».

A celebridade póstuma de Manuel Dominguez assenta no facto de ter sido elle o último matador que executou com regularidade e frequência a estocada «trebiendo». Como toureiro, foi valente mas torpe. O físico não o ajudava e os seus recuos artificiosos eram quasi nullos. Para se chegar à conclusão de que Manuel Dominguez foi «poca cosa» como artista, basta percorrer os anuários do seu tempo e verificar que de 1853 a 1871 toureou no todo 19 vezes na praça de Madrid. Não é brilhante a média de uma corrida por época na arena em que sempre se consagraram as grandes samidades do toureiro. Manuel Dominguez sofreu um percalço horrível, em 1857, na Praça do Puerto de Santa María, onde o célebre touro «Barrabás», da antiga vacada de Concha y Sierra, lhe vazou um dos olhos.

E, agora, pergunta-se: para quando os 46 quilómetros?...

Tavares da Silva

manfém-se no seu cargo de seleccionador nacional

O nosso querido amigo e distinto companheiro de trabalho que é Tavares da Silva acaba de ver consagrados os seus esforços pelo futebol nacional com a aprovação do sea plano de preparação da equipa representativa do País, e com a determinação do sr. ministro da Educação Nacional no sentido da Federação adoptar as medidas preconizadas no referido plano, mantendo Tavares da Silva no seu cargo de seleccionador, com plena liberdade de acção.

Rejubilamos com o facto e expressamos ao nosso estimado camarada as mais efusivas felicitações.

assinem a STADIUM

(Continua)

J. E.



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



NO GRUPO DESPORTIVO DA CASA VAULTIER. — Esta simpática colectividade, que no campo do desporto corporativo se afirma dia a dia, comemorou no sábado 7.º aniversário da sua fundação com uma sessão festiva, que decorreu brilhantemente e teve elevada assistência. Nas gravuras: 1 — A mesa de honra, com a sr.ª de Máxima Vaultier entregando a Fernando Sacadura um dos prémios; 2 — O importante Industrial sr. Máxima Vaultier é um desportista de valor e participa com os seus colaboradores nas competições que organiza. Ele a receber também das mãos de sua esposa os prémios que conquistou; 3 — O assalto demonstração de sobre entre J. Nogueira e J. Valde. NA CASA VAULTIER: 4 — O grupo de futebol da Casa dos Vencedores, que jogou há dias com um «team» do Belenense, empatando 2-2. O DESPORTIVO DE ARROIOS EM FESTA. Dormidores gratificados da inauguração das novas instalações do campo do Arroios, a que aludimos no outro lugar; 5 — Os «teams» do Chelas e do Arroios, que disputaram e encontraram principal de tarde; 6 — O encerramento da lista com o nome do campo. CICLISMO: 7 — João Rebelo regressou de Espanha e entregou ao seu clube no domingo, a vaga que conquistou. A fotografia mostra com o dr. Barreira de Campos presidente do F. portista, no momento da entrega, no intervalo do jogo de domingo no Lumiar.



Os fundadores do S. C. Conimbricense. Da esquerda para a direita, sentados: F. Fonseca Ferreira, Ismael Chaves e Sílvio Pinto Borges e José F. Santarino



Stadium da PROVINCIA

35 ANOS AO SERVIÇO DO DESPORTO

O SPORT CLUBE CONIMBRICENSE

tem um passado de grande relevo na história de vários desportos

e dispõe de excelentes recursos para a sua expansão no futuro

Alguns nomes e bastantes triunfos

Em trinta e cinco anos de existência, lutando sempre com entusiasmo, conta o Sport Clube Conimbricense uma lista regular de triunfos, e regista, entre os atletas que o têm representado, nomes de antigos campeões nacionais em diferentes modalidades.

Um pouco ao acaso da evocação, indicam-nos os que seguem: Ismael de Almeida Chuvás, atleta com valor afirmado em Lisboa, nos primeiros anos do clube; Angelo Madeira, campeão nacional de luta (1912) e campeão distrital do mesmo desporto; Aníbal Carreto, ciclista valoroso, vencedor de um Porto-Lisboa (1915) e da «Volta a Portugal», organizada pelo nosso prezado colega «Sporting», em 1927. Uma equipa famosa de tiro foi alguns anos invencível. Constituíram-na Amadeu da Paz Olímpio, tenente, Mariano Miranda, tenente, Ismael Teixeira de Sá e José Monteiro da Cunha Júnior. Começou a distinguir-se em 1925 e manteve-se com galhardia até 1930.

Em «basket», mantem o Sport o título de campeão distrital há anos, e conseguiu ser campeão de Portugal em 1932 e 1933. A selecção oficial da França deu ao Sport a honra de jogar com o clube, em Coimbra, numa data que é de orgulho para a cidade—17 de Abril de 1933. Na qualidade de campeão distrital, tem entrado nos últimos campeonatos nacionais da modalidade.

Maria Isabel de Jesus Costa figura também na lista de honra, como antiga campeã nacional e «recordista» nas provas de «crawl» de costas, em 100 e 200 metros. A esta lista devemos juntar ainda os «internacionais» que o clube registou: Amadeu da Paz Olímpio, em tiro, num torneio disputado em San Sebastian; e Manuel da Costa, em «basket», em Madrid e Paris. Fernando Alves, que é ainda guarda-rédes da primeira categoria de futebol, foi seleccionado, como suplente, para um Portugal-Espanha.

O passado e o futuro

Além dos campeões nacionais e dos «internacionais», podíamos apontar outros nomes entre os atletas antigos e a gente

(Continua na pág. 15)

O Sport Clube Conimbricense, o Sport, como é designado vulgarmente em Coimbra, é os dos clubes de história mais curiosa e brilhante, entre as agremiações desportivas daquela cidade. A obra realizada abrange um ciclo de 35 anos e alarga-se a vários desportos. Tem-se dedicado a quase todos eles, com maior ou menor relevo, mas sempre com apuro. Vem de um tempo em que o desporto era cultivado com uma noção mais nobre da sua função educativa. E tem honrado as tradições.

Pela força das circunstâncias, ou por outros motivos, o certo é que se tem adaptado um pouco à evolução dos desportos no país. Mas não esqueceu as directivas iniciais, em desportivismo. A sua acção pode ter sido mais apagada, uma ou outra vez. Nunca, porém, deixou de ser útil. O reconhecimento público dessa utilidade traduziu-se, em 1935, quando festejou as «Bodas de Prata», na concessão do grau de Cavaleiro da «Ordem de Benemerência».

A fundação

O Sport Clube Conimbricense data de 3 de Fevereiro de 1910. Inserimos nesta página a fotografia do grupo fundador. A idéia de criar o novo Clube safu de um núcleo de desportistas que se dedicavam especialmente a exercícios de força, dos mais populares na época. O principal animador da idéia foi, no entanto, Ismael de Almeida Chuvás. É uma figura de glória, no clube. Chegou a ser elemento de destaque em pesos e alteres. Após a constituição do Sport, representou-o, em Lisboa, no seu desporto favorito. No ano seguinte, dirigiu no clube as classes de luta greco-romana e pesos e alteres. Pinto Borges, outros dos fundadores, teve a seu cargo a direcção da aula de «ju-jitsu», a conhecida luta japonesa. António Pereira, notável atleta do Ateneu Comercial de Lisboa, teve, em 1912, uma classe de ginástica artística. Estas notas definem as características do clube — e dos seus fundadores.

O novo clube fundou-se com o título do Sport Grupo Conimbricense. Mas passou pouco depois a Sport Clube Conimbricense. A idéia de grupo, de certo modo resista, sucedeu a idéia mais ampla de clube. Foi a primeira adaptação...

A fase inicial

De princípio, o Sport limitou-se à prática, direcção e expansão dos chamados desportos de força — pesos alteres, luta e ginástica artística. O primeiro campeonato nacional ganhou-o em luta, com Angelo da Costa Madeira, um lutador de fama nos seus tempos de atleta. O primeiro troféu pôsto em luta, num torneio organizado pelo Sport Clube Conimbricense — a taça «Cidade de Coimbra» — foi instituída para o campeonato distrital do mesmo desporto.

Mudaram, porém, os tempos. A atléctica passou bastante de moda. E uma direcção, mais exigente em problemas financeiros, acabou por vender a colecção dos alteres. Angelo Madeira protestou na imprensa. É provável que Ismael Chuvás sofresse, também, na sua afecção ao desporto em que mais se distinguiu. Mas vieram outras modalidades. O Clube não parou. Mudou apenas de rumo...



«Taça Associação dos Artistas», em ferro forjado, da autoria de Alberto Marques e que figurou na Exposição Trienal do Desporto (1934)



«Taça Cidade de Coimbra» o primeiro troféu instituído e ganhado pelo S. C. Conimbricense. Tem uma história deveras curiosa



A equipa campã nacional de «basketball» em 1932-1933. Da esquerda para a direita, 1.º plano: Manuel da Costa, Arlindo Mariano e António Carvalho; 2.º plano: Feliciano Gaudêncio e A. Fernandes Costa

De oito em oito dias

Uma gentileza da A. H. P.

A comissão administrativa da Associação de Handball do Porto enviou-nos um cartão de livre-trânsito, individual, com um amável officio.

A A. H. P. quis reconhecer assim os despreziosos serviços que temos prestado à modalidade, a que demos o melhor da nossa assistência em diversos cargos que assumimos em gerências anteriores.

Registamos, portanto, o acontecimento, não só pelo que elle pôde ter de reconhecimento ao propagandista, mas ainda mais porque estamos habituados à pouca atenção que a maioria das associações têm pelos jornalistas. Prosseguiremos, com o mesmo entusiasmo, na defesa e propaganda dos interesses do handball.

Visão de sonho!

Vimos há dias um documentário num cinema que, entre outras maravilhas, apresentava um terreno de «basketball», de esplêndido aspecto, desde o rectângulo coberto às bancadas e armação metálica de suspensão dos «cestos». Jogava-se ali um encontro nocturno, e, quando o árbitro deu o jôgo por findo, pôde observar-se como funciona um marcador elétrico iluminado.

Depois, o campo deslizou no «écran» metades simétricas, desapparecendo, e em seu lugar ficou uma piscina — mas que piscina! Rápidamente se lançaram à água nadadoras esbeltas, enquanto em um dos topos se erguiam, por força hidráulica, dois trampolins para saltos, belamente construídos, perfeitos.

Escusado será dizer que tudo isso que vimos constitui um parque de jogos algures na América...

Arbitragem...

Está a desenhar-se, nos jornais citadinos, a salutar tarefa de explicar ao público a maneira mais racional e lógica de interpretar as leis do futebol, ao mesmo tempo que se faz como que uma espécie de análise-crítica ao trabalho dos árbitros.

A idéa é esplêndida e bom será que dela algo se colha para beneficio da modalidade.

Pode parecer, à primeira vista, tempo perdido aquêlo que se consome na explanação das leis de futebol. Mas não. Nota-se, de época para época, ser maior a necessidade de tornar as leis e a sua interpretação fácil a todos os intellectos.

Oxalá, portanto, que a tarefa prossiga sem desfalecimentos.

Tarde e a más horas...

Os campeonatos regionais de natção tiveram a sua realização no último domingo de Setembro,

Habilidades...

RECORDA-NOS, há uns anos, ter apparecido nesta cidade um «teatrinho» de «marionetes», que eram hábilmente manejados.

Os espectáculos, divertidíssimos, tinham a concorrência de garotos, em grande gracinada, noma lôrça representativa esportosa — e também os «crescidos» não deixavam de comparecer para gozar um espectáculo apresentado com certa distincção, naturalidade e cuidado cénico.

E era ver como os «actores», accionados pelos cordéis que os suspendiam dos dedos mágicos do empresário desses «artistas» de madeira e pano, executavam as danças mais divertidas, em ritmo inalterável, ou estavam atentos às «deixas», como se lóssem de carne e osso...

No final, o côro de elogios era anónimo, convencidos todos da habilidade com que os empresários sabiam, dos bastidores, mexer os cordelinhos... E se por acaso um dos «artistas» tinha um passo errado, um gesto defeituoso, uma vénia menos rigorosa — logo um ligeiro toque de dedo evitava a escorregadela, no instante mesmo em que ella parecia ir consumir-se...

Ficou-nos dal, talvez, o gôsto pelo teatro de «marionetes», que nos permite observação cuidada do escrupuloso trabalho que se pode realizar dos ardimentos, sem que de fora possam apereber-se desses manejos. Ao mesmo tempo, os locos de luz potente evitam que os fios se vejam — e aos nossos olhos só se deparam os «fantechezitos» a dançar, a andar, a gesticular...

E então as matações! Com que presteza o ambiente se modificava, alterando-se o aspecto da cena para nos apresentar logo outro, no segualmento da peça bem ardidada e ensaiada.

E, no entanto, é tudo parco convencionalismo, tal como na vida... Tudo fictício, tudo cordelinhos, que ninguém vê — mas que todos adivinham...

— na piscina de Espinho. Se a representação dos clubes filiados não foi de molde a admirar, o certo é que compareceu gente nova e novas filiações se registaram.

Foi, no entanto, tudo fraco, em especial os «tempos».

As provas femininas revelaram-se muito frouxas, tendo apparecido uma só concorrente em seniores — Alexandrina Pinto, agora a envergar as côres do F. C. do Porto.

No encerramento da época não seria de esperar outra coisa. Resta confiar em que, com o trabalho iniciado desde já, no próximo ano tenhamos possibilidades para evitar uma «triste figura» nos Nacionais...

PORTUENSES:

Assinem a STADIUM

A PROVINCIA PRECISA DE PISCINAS!...

OUTROS tempos, não muito recuados, o panorama geral da natção portuguesa era algo diferente do actual e caracterizava-se, fundamentalmente, por um maior equilibrio de valores. Em Lisboa, verificava-se um trabalho em profundidade, disseminado por várias colectividades — especializadas ou não. Na provincia — e é esse o caso que nos interessa particularmente — havia também vários núcleos. E desses núcleos, Aveiro era, sem favor, um dos

DE COIMBRA

UM CAMPEONATO MOVIMENTADO

O campeonato distrital de Coimbra começou este ano com boas perspectivas de entusiasmo. Apertou mais a luta entre os dois rivais. O União, animado com os êxitos das últimas épocas, reforçou a sua equipa à custa de elementos vindos de outras regiões. A Académica procurou vencer em definitivo a sua crise de jogadores com gente nova. O União procurava e obteve uma vitória no torneio. Os estudantes tentavam e tentam uma supremacia que não tem sido contestada.

Criou-se, deste modo, uma expectativa de largo interesse. Parece que havia muita aposta à volta do embate entre os rivais da Lusa-Atenas. Mas havia sobretudo muito desejo de vencer — em ambas as equipas. O público appareceu por isso em grande numero. O desafio pode ter provocado algumas desilusões. Não deixou, porém, de provar uma boa enchente... O saldo foi francamente positivo...

Havia de facto interesse em ver o que daria a moedade vibrante da Académica em luta com a experiência feita do União. É possível que o União não tenha entrado no campo com o pé direito... Sofreu um «goal». Aceitou um período de domínio da Académica. E chegou ao intervalo a perder. Mas soube depois acertar o pé... quando as coisas lhe correram de feição. Soube forçar o andamento do jôgo, quando o triunfo lhe parecia sorrir. E soube vencer, por fim. A tarde da segunda jornada do campeonato deu-lhe duas vitórias esplêndidas — em reservas por 4-0, em primeiras categorias por 5-1. Ganhoun — em profundidade...

Seria decerto fácil bordar um ou outro comentário acerca da forma como o jôgo se desenvolveu. Queremos, porém, manter esta crónica à margem de qualquer preocupação de ordem técnica. Para nós, o que interessa pôr em relevo é que o União veio dar animação extraordinária ao campeonato. O torneio podia ter falido, no domingo. Mas não. Agora é que entra na fase de maior entusiasmo...

mais importantes. Aqui nasceram algumas das mais destacadas figuras da natção lusitana. E ainda não há muito anos, nomes como António Agostinho da Costa e Serafim Moreira eram embaixadores valerosos da cidade de Aveiro às provas máximas da natção portuguesa. Uma colectividade principalmente — o Beira-Mar — manlinha o fogo sagrado, ainda que sem o brilhantismo de outras épocas. Havia, porém, actividade — e algum entusiasmo.

Será igualmente interessante não esquecer que durante os primeiros tempos de existência da Associação de Natção de Coimbra, foram os nadadores aveirenses óptimos colaboradores dos coimbricenses, tendo os torneios Porto-Coimbra-Aveiro-Figueira da Foz constituído belas jornadas de propaganda, que muito contribuíram para o desenvolvimento e expansão que a modalidade alcançou na cidade do Mondego.

A medida, porém, que a natção em Coimbra se desenvolvia e conquistava cada vez maior numero de adeptos, em Aveiro entrava no mais triste e desolador marasmo.

Mas — e é esse o objectivo do nosso artigo — é justo reconhecer

(Continua na página seguinte)

NOTAS E NOVIDADES

que interessam à provincia

AVEIRO — O Beira Mar, desta cidade, que perdeu 3-2 com o União de Lamar, antigo campeão distrital, fez seguir para o conselho técnico da Federação um protesto baseado em irregularidades da arbitragem.

BRAGA — Diz-se com insistência que o jogador Garção alinhará pela Associação Académica de Coimbra. O clube dos estudantes pretende matricular Garção no curso de regentes agrícolas, visto tratar-se de um rapaz com excelentes possibilidades para o futebol.

CASTRO DAIRE — O F. C. São Pedrense, de S. Pedro do Sul, ganhou por 5-0 ao conjunto do Grupo Desportivo Castrense. A equipa visitante, constituída por antigos elementos do Bodienses, exhibiu-se de modo agradável.

FELGUEIRAS — No último domingo, o F. C. Felgueiras derrotou por 7-1 o «Sic» S. C., após um jôgo em que denunciou nítida superioridade.

LIVRAÇÃO — A equipa da Juventude Desportiva da Livração deslocou-se para Caide, onde enfrentou o clube local. O conjunto desta vila ganhou por 5-4, facto que regejou os seus adeptos.

MIRAMAR — O «golfo» é um desporto que se pratica aqui em larga escala. Para a «Taça Miramar» inscreveram-se muitos praticantes, num torneio de 18 buracos, contra «bogeys» e 3/4 «shandicap».

nova do clube. Mas não nos é fácil alargar esta crónica. Os nomes a títulos registados bastam para marcar o valor do Sport Clube Conimbricense, num passado que chega aos últimos anos, e que é pouco mais do que o presente. Anotamos, porém, que o Sport teve, na época de futebol de 1944-1945, uma excelente equipa de juniores, vencedora do campeonato distrital e semi-finalista, contra o Sporting Clube de Espinho.

A todos os desportos se tem dedicado, de modo geral, e a muitos se dedica ainda. Em futebol, por exemplo, organizou, no ano de 1919, o I Campeonato do centro de Portugal, para disputa da taça «Agostinho Costa», instituída em homenagem a quem dirigiu a introdução do futebol no clube. E era do Sport o campo do Arnado, onde se disputaram algumas finais e desempates do Campeonato Nacional do popular desporto.

O Sport Clube Conimbricense dispõe de um terreno para «basket» — o campo da Palmeira. Tem uma sede ampla no Pátio dos Castilhos, no centro da cidade. Mantém várias secções desportivas em plena actividade — «basket», futebol, natção, «tennis» de mesa e tiro. E encara o futuro com optimismo. E pois um clube antigo com excelentes condições de expansão.

Gimnásio C. Português

As classes de ginástica do velho Gimnásio reabrem no próximo dia 15, encontrando-se as inscrições abertas na sede do clube.

Sport Lisboa «Os Onze»

Para apurar os seus representantes ao Campeonato da Promoção de «tennis» de mesa, o Sport Lisboa «Os Onze» abriu a inscrição para um torneio inter-sócios.

cor que os aveirenses não têm condições de treino. A ria já não satisfaz nem se compadece com as actuais necessidades de preparação de um nadador com vista a competições.

O problema de Aveiro é, afinal, igual ao do Pórtio. Aveiro precisa de uma piscina. O mesmo acontece ao Pórtio, a Coimbra, à Figueira da Foz, à Póvoa de Varzim, a Viana do Castelo... E por aí fora.

Pelo que conhecemos, podemos afirmar que o gosto pela natção não morreu, nem podia morrer, nas terras onde a modalidade tem fortes tradições. Faltam, sim, condições de trabalho que permitam lutar com outras regiões em pé de igualdade.

Que — e accentue-se bem — o que se reclama não é uma piscina de linhas monumentais. Não. Apenas uma piscina desportiva, com as dimensões regulamentares, onde os nadadores possam treinar em boas condições e onde se possam receber equipas de categoria, cujos ensinamentos de ordem técnica se tornam agora tão necessários.



(Continuação da página 10)

Costa, Virgílio Silva e João Baptista; nos lançamentos, António Augusto Tendes (outra grande excepção revelada no torneio de «Stadium»), jovem com condições excepcionais para a especialidade, como poucas vezes tem aparecido no nosso atletismo, e Abílio Castelo da Silva, Luís Viegas, Orlando Pereira, Mário Fernandes, Amílcar Monteiro, António Barros, António Rodrigues, Belmiro Ferreira, Fernando Portela, José Madeira e Carlos Sousa.

Pelo número de citações, verifica-se pois que a época de 1945 deu ao atletismo português um bom lote de esperançosos «estrelantes» —

O Desportivo de Arroios é uma colectividade que progride

INAUGUROU o Desportivo Clube de Arroios interessantes melhoramentos no seu campo de jogos, na Estrada das Amoreiras: uma bancada e balneários destinados aos grupos e ao árbitro.

Escusado será dizer que o esforço dos clubes modestos nos mereceu sempre a melhor estima. O Desportivo de Arroios, pelo que tem feito e agora por mais o que nos foi dado ver, no seu campo de «Manuel Ribeiro da Silva», é bem um clube em progresso, merecendo por isso os nossos louvores.

A festa de inauguração dos melhoramentos assistiu muito público. Também estiveram presentes, pela Comissão Central de Arbitros, o sr. Jorge Vieira; pela Comissão Distrital, o sr. major Martinho; os representantes da imprensa e dirigentes de vários clubes.

Depois da cerimónia, efectuaram-se dois jogos de futebol: um, entre a reserva do Arroios e o 1.º grupo do Esperança. Resultado: — 2-1 a favor do grupo da casa. O outro desafio, mais importante, realizou-se entre as equipas de honra do Arroios e do Chelas, campeões da 3.ª e da 2.ª Divisões, respectivamente.

Empataram os dois grupos por 4-4, mas na primeira parte pertenceu ao Arroios o melhor jogo. O resultado deste tempo, 2-0 a seu favor, da ideia da sua melhor organização ofensiva. No princípio da segunda parte, o Chelas passou rapidamente para 3-2, aproveitando bem os seus momentos de superioridade. Mas o jogo vol-

tole esse que no momento está a ser ampliado graças ao trabalho dos clubes — e em especial o do F. C. do Pórtio, que continua a organizar, semelhançamente, torneios entre sócios ou simpatizantes que nunca tenham tomado parte em competições alélicas.

EDUARDO SOARES

tou a decorrer com equilíbrio e embora o Chelas ainda conseguisse 4-3, — reagiram os rapazes de Arroios, de modo que, a 3 minutos do fim, fixaram o resultado em 4-4.

Pelo que se viu — o Desportivo de Arroios poderia figurar bem ao lado dos clubes da Segunda Divisão. O Chelas foi «steam» mais experiente, claro. Mas o Arroios revelou-se-nos utilíssimo em vários pormenores de jogo.

Entre os seus jogadores, salientaram-se: Ramos Silva, Ramos Dias, Parente, Albino e Gonçalves, este na 1.ª parte. Pareceu-nos mal preparado para o resto do tempo.

No Chelas — Cardoso, França, Pacheco, Augusto e Teixeira pareceram-nos os mais aplicados. Arbit. ou o sr. Ferreira da Cunha. Sem dificuldades.

Por último, uma referência ao sr. Varandas Pereira, conhecido dirigente. Pertence-lhe parte do êxito do Desportivo de Arroios.

CICLISMO

Campeonato Regional de Regularidade

A Associação de Ciclismo de Sul faz disputar no dia 14 a 1.ª das três provas que compõem o Campeonato Regional de Regularidade.

O sorteio efectua-se hoje, às 21.30, na sede da A. C. S.

Ano III — II. Série — N.º 149
Lisboa, 10 de Outubro de 1945

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:

Dr. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

Redacção e Administração

T. Cidadão João Gonçalves, 10, 5.ª

Telefone 51146 — LISBOA

Execução gráfica de

NEOGRAFURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO CENSURA

A ILUMINANTE

MATERIAL ELECTRICO

oferece sempre os melhores preços e a maior rapidez na execução de tôdas as encomendas

LISBOA

Avenida Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17
Telefones 46186, 46187, 51146

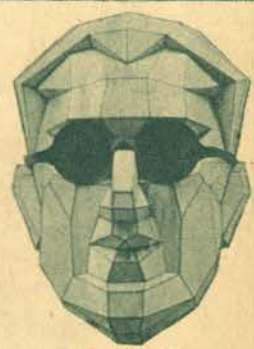
PORTO

Rua Passos Manuel, 209
Telefone 4065

Stadium na Capital do Norte



LEIXÕES-RAMALDENSE—Uma fastoza jogada através de três instantâneos consecutivos: 1—O interior-direito do Ramaldense centra; 2—Dois avançados do mesmo "team" tentam o remate e os o guarda-redes do Leixões desvia para "canto"; 3—Na marcação deste castigo, o Ramaldense obtém o seu único "gol". BOAVISTA-SALGUEIROS; 4—Aspecto da luta na grande área do Boavista. NO VILANOVENSE F. C.; 5—Na distribuição de prémios aos vencedores do seu torneio de atletismo, o sr. delegado da Direcção Geral de Desportos entrega a António Rodrigues a medalha que conquistou.



GIL OCULISTA
 FUNDADA EM 1866
 Depositária das lentes "ZEISS"
 Binóculos, Termómetros
 Bússolas de marcha, etc.
 Aparelhos de Precisão
 136, RUA DA PRATA, 140